

# COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 414

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO Jost Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**  
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 10 % d'abatimento.

**BRAGA—QUINTA-FEIRA 28 DE OUTUBRO**

**Correspondencia estrangeira**

PARIS, 16 DE OUTUBRO

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

(Conclusão do n.º antecedente)

A preocupação politica tem enfraquecido, ha alguns dias, cedendo lugar á preocupação financeira. O governo turco acaba, como sabem, de reduzir a metade o serviço da divida. Esta banca-rola faz perder aos banqueiros franceses uma somma de dois milliards pouco mais ou menos. O governo nada tem feito com o fim de minorar tal desastre, mas ninguem conta que tire d'isso bom resultado.

Partiu hontem a maioria dos parisienses, convidados a assistir ás festas de Milão; isto é, á entrada do imperador Guilherme n'aquella cidade. Felizmente o numero d'elles não é grande, assim como não tem, n'esta occasião, mostrado o enthusiasmo do costume, significando bem, com tal proceder, a pouca sympathia que sentem pelo imperador da Allemanha. Actualmente ninguem pensa senão na entrevista que vae ter lugar entre os dois monarchas, e todos estão persuadidos que Guilherme pedirá á Italia medidas contra o Papado, e com especialidade contra a Companhia de Jesus. Victor Manoel hade prometter acceder a todos os pedidos do imperador, mas é de esperar que não cumpra as suas promessas. Emfim, o rei da Italia não é ainda tão inimigo do Santo Padre, como pretendem os protestantes allemães e alguns catholicos italianos. Isto mesmo acaba elle de provar; e, se se tem retardado tanto essa entrevista, que agora se vae effectuar, o motivo não tem sido outro senão a opposição continuada que elle tem feito para que tal entrevista não tenha lugar em Roma, mesmo por baixo das janellas do Vaticano, como era vontade do imperador, em desprezo de todas as conveniencias. É este tambem o motivo que impede M. de Bismark de dirigir-se a Italia com seu senhor; em quanto ao chanceler, tendo a entrevista lugar em Milão e não em Roma, o successo ficará incompleto, e elle não é homem que se contente com meio triumpho.

Os leitores não poderiam ficar estranhos ao movimento que entre nós tem suscitado a lei relativa á liberdade do ensino superior. Direi pois, alguma coisa com referencia a esse movimento causado pela restauração dos estudos e reorganização do ensino.

Ha dois meses, a imprensa livre-pensadora não tem cessado de clamar contra essa lei que acaba de ser votada; segundo ella, tudo está perdido,—sciencia, liberdade e sociedade civil; porque segundo ella, o clericalismo tudo isso vae invadir. E estes homens que tem sempre na ponta da lingua a palavra liberdade, declaram que supprimirão esta liberdade apenas forem elevados ao poder. Se tudo está perdido para elles, que ficam com a Universidade do Estado, com o thesouro, e com todos os estabelecimentos publicos, em quanto que os catholicos devem prover ao ensino que vão crear, n'isso mesmo se vê a fraqueza da sua causa.

Apesar, todavia, d'esses ataques, os catholicos deram principio á sua obra, cheios de zelo e dedicação. Não seria até má, que esfriassem um pouco esse enthusiasmo, não em crear Universidades livres, mas em multiplical-as. É fóra de duvida que não são muitas 20 ou 30 Universidades em França; mas somos de opinião que, ao começar, se deve olhar

antes para a qualidade do que para a quantidade, attendendo á rude concorrência que ha a sustentar, e que tudo se deve fazer para honra do ensino catholico.

Hoje sabe-se já com certeza que 6 Universidades vão abrir seus cursos, mais ou menos completos, desde o 1.º de novembro proximo. Lille, Paris, Angers, Tolosa, Lyon e Poitiers vão, pois, ser os primeiros centros universitarios. A de Angers abrir-se-ha primeiro. O bispo d'esta cidade, aconselhado por seus honrosos pensamentos, creou tres novas cadeiras, que serão de grande utilidade para a França, e são as seguintes: de direito publico, de direito natural e de direito canonico.

As outras Universidades adoptaram o mesmo programma, e em breve experimentaremos seus salutaes effeitos.

Foi, como sabem, no dia 29 de setembro o anniversario natalicio do conde de Chambord. É já um pouco tarde para fallar em acontecimentos que tiveram lugar então; mas occorrem-me alguns promeiores tão importantes que não posso deixar de noticial-os.

Haviam corrido com anticipação, certos boatos relativos a essa data.—Fallara-se n'uma peregrinação em massa de legitimistas a Frohsdorf, d'um discurso do principe, d'uma manifestação em regra, etc. Porém a prudencia do neto de Carlos X desmentiu essas predições sem fundamento, e o dia 29 de setembro conservou o caracter particular que convem á realza em terra estrangeira.

De todo o tempo, o S. Miguel, como se diz no proprio castello, foi sempre objecto d'um culto especial para a real familia, e celebrado sempre com solemnidade. Ha 99 annos, em igual epoca, tudo eram festas, acclamações e dithyrambos por toda a França. O «Moniteur» enchia as suas colunas de felicitações dirigidas a Luiz XVIII por occasião do natal d'um herdeiro do throno, e Victor Hugo cantava na sua lyra mais sonora, um tão fausto acontecimento. Paris toda era despertada pelo estroado do canhão que lhe annunciava o nascimento d'um principe. Foi um dia de regosijo, um dia de verdadeiro enthusiasmo para a capital da França. Mas de meio seculo tem passado por sobre essas alegrias.

Foi na modesta capella do castello de Frohsdorf que este anno se celebrou este anniversario. A's 9 horas foi dita uma missa, a que assistiram, da tribuna que domina o santuario, o conde e condessa de Chambord e os principes de sua familia. A capella estava adornada com muito gosto; viam-se ali dois quadros devidos ao pincel da sempre chorada duquesa de Parma.

A's 7 horas da tarde foi servido um grande jantar. A condessa de Chambord apresentou-se com um vestido de seda cinzenta, guarnecido de rendas pretas. A unica joia com que se adornava era o magnifico bracelete que lhe foi offerecido pelas damas de Marselha, por occasião do seu casamento.

É geralmente sabido que á condessa nada resta que não seja manufacturado em França. A roupa branca, vestidos e adornos, tudo lhe vem da patria do seu marido.

Por occasião do seu anniversario, o conde de Chambord enviou numerosos soccorros para França, e prescreveu a seus amigos que applicassem a despesa, que tinham tenção de fazer, em honra do dia 29 de setembro, a obras patrioticas e á subscrição dos inundados do Meio-dia. É escusado dizer que este nobre acto foi satisfeito.

É costume, em muitos castellos de França, depois da guerra, organizar colectas, chamadas «de 29 de setembro» cujo producto é destinado a obras de beneficencia, d'algunha sorte nacional, como

são: os Alsacios-Lorenos, os orfãos da guerra, de modo que a verdadeira celebração d'esta festa é soccorrer os desgraçados.

H.

É lamentavel, mas verdade inconcussa, que uma das causas poderosas do crescimento do erro e da immoralidade, tem sido a cooperação de talentos robustos de certas notabilidades litterarias. Não mingua a estas por certo a natural inherencia da logica e da boa razão para deixar de lhes repugnar a defesa e apologia d'uma ruim causa; mas á manifestação d'este sentimento antepõem-se as vantagens de um regalismo ficticio e efemero,—o egoismo e outras considerações vaidosas e mesquinhas—que são o preço vil por que se afoga a voz da consciencia e se põe á mercê adventicia os dons providenciaes da eloquencia e do talento.

Este conceito temos formado sempre que incontestaveis e robustas intelligencias vemos enfiadas á revolução, a qual não tomaria as proporções gigantescas que tem atingido, se o pondonor e brio litterario, a honra e a independencia seguissem de perto e a par esses talentos, que perdem muito do que valem quando assim se coadunam e estreitam á pressão de falsas filosofias.

Sugere-nos estas considerações um virulento artigo que no jornal—«France» insere o notavel publicista francez, Emilio Girardin.

Está mais que averiguado, e não é para nós caso de reparo, que o publicista revolucionario uma vez que trate da legitimidade e da revolução ha de adulterar os acontecimentos, revelar a indole suspeita e patentear a sua paixão mais ou menos cega. Independencia e imparcialidade é que nunca nos foi dado observar em milhares de escriptos revolucionarios; mas que a falsidade, que a calumnia, que a deturpação da verdade subisse tanto de ponto, é o que tem excedido a nossa expectativa, e não tinhamos visto até depararmos com aquella verrina disparatada do sr. Girardin.

Começa o famoso escriptor de estabelecer como principio, que embora D. Carlos tivesse direito ao Throno de S. Fernando, nunca o tinha de tentar impol-o pela força a um povo que *perfeire derramar o seu sangue, a tolerar-lhe o reinado*. Segue aqui o sr. Girardin á risca o preceito voltaireano de mentir e mistificar.

A que chamará o sr. Emilio Girardin—povo hispanhol?

É de suppor que aos revolucionarios, que havendo por mil astucias empolgado o poder dos elementos da força, tem feito com ella frente, ainda assim com infelicidade, ao verdadeiro povo hispanhol, áquelle que acclama rei a Carlos VII.

Segue a diatribe insinuando que D. Carlos para conseguir a conquista do throno de Hispanha não tem retrocedido ante todo acto de crueldade e vandalismo; refere a seu modo e a sabôr da revolução os acontecimentos, e em ordem tal o faz a não restar duvida, áquelles que desconhecem a verdade dos factos, de que D. Carlos e seus voluntarios são uma coorte de canibais.

Narrando a queda de D. Isabel pelo pronunciamento de Cadiz, pergunta se porventura houve quem então acclamasse D. Carlos. O mesmo sr. Girardin responde que não. Esta negativa era de uma ingenuidade mais que pavorinha; se não fóra de todo assente no sofisma calculado.

Sabe o sr. Girardin e todo homem dado ao estudo da historia contemporanea, que a queda de D. Isabel foi preparada pela revolução. Um pronunciamento

instigado por alguns chefes ingratos e especuladores, operou a destituição d'aquella senhora do throno que tambem a revolução lhe tinha dado, usurpando-o á legitimidade; que esses chefes e a soldadesca rebelde que os seguia miravam maior latitude aos principios revolucionarios. Como pois esperar d'elles um viva! a D. Carlos, d'elles que se rebelaram em pró de principios tão oppostos aos que D. Carlos representa e de que é chefe?

Mas se no acto da sedição, e do meio dos sediciosos não se ouviu um viva!, uma acclamação áquelle principe, não deixou tambem o expediente revolucionario de dar motivo para se avaliar a imponencia do partido carlista, e se conhecer que esse partido é o mais numerozo em Hispanha.

Continuando a seu modo a historia dos acontecimentos, o sr. Girardin alude que, constituidas as côrtes e tratando se da eleição do rei, entre encontrados e oppostos nomes não teve D. Carlos um unico voto. Esta asserção é de um despejo pouco invejavel. Como se umas côrtes forjadas pela revolução tumultuosamente, umas côrtes que niuguem pôde asseverar representantes da nação, podessem eleger um rei que não fosse o imposto pela revolução!

No escuro lança o sr. Girardin o essencial da historia quando nos não diz, que a despeito de mil prepotencias, de perseguições tenazes e de quanta violencia o governo revolucionario poude pôr em acção no acto eleitoral, o partido carlista não deixou de eleger um numero de deputados relativamente elevado; que o partido carlista tentando na senda da ordem e da paz, haver o governo que por direito lhe pertencia, foi perseguido na pessoa de seus representantes por modo o mais repugnante e violento, e que assim desenganado é que tomou as armas.

É ver desde então *quantos votos* tem D. Carlos, e a opposição pelo sr. Girardin decantada, que a verdadeira Hispanha lhe tem feito.

É que o sr. Girardin chama paiz á facção revolucionaria, ao reinado de Amadeu, á republica de Castellar, á dictadura de Serrano, ao reinado de D. Alfonso, *el niño*,—poderes angariados por pronunciamientos de cazernas e intrigas revolucionarias. É muito mistificar, é dar foros de legalidade á desordem e á intrusão. O que se tem succedido com nome de governos em parte da Hispanha onde a revolução pela astucia tem podido dispôr da força constituida, tem a mais cabal explicação de illegal e intruso nas rapidas transmutações operadas. O sr. Girardin chama a isto paiz,—paiz Serrano, paiz Prim, paiz Amadeu, paiz Castellar e paiz—quantos se tem succedido na orgia revolucionaria, amparados dos grandes recursos da força que acham constituida. Se isto é a nação hispanhola, se a representa—o que o senso commom contesta—então verifica-se a asserção que avança o sr. Girardin, de que o paiz *protesta com tenacidade contra as pretensões de D. Carlos*.

Mas o paiz, a verdadeira Hispanha não é isto. A verdadeira Hispanha sem dispôr de uma arma, de um canhão, cansada de soffrer os desvarios oppressores da revolução, levanta o grito de alarma no norte; para logo se erguem milhares de vozes acclamando o rei legitimo; sem outros recursos que a grande força de vontade que os incontestaveis directos sugere, organisa e equipa um exercito, isto á barba com um poder e força organisa-da, de que a revolução dispõe: como por encanto, esse paiz, *que detesta D. Carlos*, acha-se habilitado para combater a revolução, não retrocedendo ante os maiores perigos, nem ha embaraços que se lhe

antolhem, que a faça trepidar nos designios de sacudir o jugo revolucionario. Esta a verdadeira Hispanha, mostra por tal arte o seu antagonismo por por D. Carlos.

Mas o sr. Girardin, ou a revolução que lhe deu a incumbencia do notavel artigo, tem um fim muito reservado,—publicando o: desprestigar ante o mundo civilizado o nobre partido carlista. Para tanto não hesita o sr. Girardin ante a injuria e a calumnia. Traduzamos um trecho final de seu artigo. Diz assim:—«E' assim que sem haver reinado, o conde de Chambord ha de ter na historia uma pagina tão gloriosa como seria vergonhosa a que mancharia D. Carlos, se, o que é duvidoso, lhe fizesse a honra de perpetuar a recordação de todos os males que tem causado ao paiz no qual pretendia reinar. O mal quando é muito tarde reparado depressa esquece, e o sangue ainda quando odiosamente derramado secca dentro em pouco, razão mais para que a imprensa á falta da historia (\*) diga cruamente de D. Carlos o que é justo julgar d'elle:—esse rebelde, esse homicida, esse canhoneador, esse incendiário, esse vandalo, é um verdadeiro criminoso.»

Este famoso extracto, mostra á evidencia a animadversão do auctor do artigo e o proposito de acirrar os animos contra D. Carlos. Falla a paixão do rancor entranhado, e ella se manifesta em todo o artigo, atravez das flores da eloquencia com que o seu auctor o euramillheta.

Falla a astucia e o calculo quando as zombarias e rapa-pés ao sr. conde de Chambord pretendem captar a benevolencia do partido legitimista francez, para as asserções calumniosas e cobardes do artigo, tentando tambem outra miragem, incutir na legitimidade franceza o animo de desprotecção á legitimidade hispanhola. Infructiferos appellos os do sr. Girardin quando de sobra é conhecida a tilancia revolucionaria.

Nem o sr. conde de Chambord carece do elogio revolucionario para se conhecer de seu inclito procedimento, nem a legitimidade franceza se illude com as bajulações ao seu preclaro chefe; quando ellas tendem a offuscar a honra e a gloria de um Bourbon—do chefe da legitimidade hispanhola—a quem o sr. Girardin assaca, no mais despejado accesso de odio partidario, os insultos e injurias mais cobardes e indignas que bem e razoavelmente assentam nos partidarios da revolução a cuja mercê o sr. Girardin põe o seu notavel talento, arrastando-o assim pelo lodo imundo da ignominia.

J. MACHADO JUNIOR.

(\*) E' nosso o grifo. Sim, a imprensa revolucionaria e assalariada; que a historia recta e imparcial depois de apurada de narrativas encontradas, essa não o pode dizer.

### Os jesuitas e a medicina em Portugal.

O «Comimbricense», conhecido vasculhador de coisas antigas, e jornal insuspeito, fez-nos, ha tempos, uma narração assaz curiosa sobre o que aconteceu, quando o marquez de Pombal, pouco antes da sua conhecida reforma (reforma) da universidade, ordenou ás diversas faculdades da mesma, que cada uma lhe apresentasse uma memoria em que os jesuitas fossem maltratados como causadores ou auctores principaes da decadencia dos estudos.

A tarefa era ardua, como é facil de perceber; mas as faculdades de sciencias naturaes, sobre tudo, viram-se em apertos; e a razão era muito simples, não achavam por onde lhe pegar, por mais voltas que lhe dessem.

Alguns dos relatores tiveram a franquesa de o confessar, em voz baixa, porém, declarando *inter amicos* (a coisa tinha seus perigos, se assim não fosse, ou se fallassem mais alto) que lhes havia suado o topete para darem alguma sombra de verosimilhança a suas imputações de lesa-ciencia contra os filhos de Santo Ignacio, mestres e protectores de muitos d'elles...

O que é certo é que apesar de tudo, dos melindres da gratidão, dos direitos da verdade e dos gritos da consciencia, obedeceu-se.

Queixam-se do marquez, os taes relatores, por os ter forçado a isso... coitados! Admittimos-lhes a attenuante, mas

não chegamos a desculpá-los. E'-nos impossivel.

O que é celebre, depois de tudo isto, é haver ainda quem faça obra pelas accusações das faculdades de Coimbra, no seculo passado contra os jesuitas, taxados de inimigos das sciencias medicas, por exemplo (*risum teneatis...?*)

A proposito: o que nos diz a este respeito o sr. dr. Amado, professor de medicina na escola de Lisboa, no anno da graça de 1875?

Não lhe parece que temos razão?—(C. da Tarde)

### Os «Lazaristas» perante a critica d'um liberal

As *Farpas*, dos snrs Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, publicam o seguinte juizo critico sobre o drama os *Lazaristas*, do sr. Antonio Ennes.

E' insuspeita, e porisso valiosissima a apreciação dos redactores das *Farpas*, que offerecemos á claque do sobredito dramaturgo.

«O sr. Antonio Ennes escreveu um drama, intitulado *Os Lazaristas*, que a companhia do Gymnasio tem representado de terra em terra, em todos os theatros do paiz, debaixo dos epplausos mais convictos, mais calorosos, mais unanimes. Este exito extraordinario, de que não ha exemplo na litteratura portugueza, prova da maneira mais evidente que as opiniões expostas n'esta peça são em Portugal as opiniões de todo o mundo. A critica chama-lhe um drama de revolução e combate. Resta saber com quem é que combatemos e onde é que está o inimigo, como pergunta na *Grã Duquesa* o valente general Boum.

O inimigo dizem que é a *hydra da reacção*. Tem-se corrido tudo pela hydra para a esmagar debaixo d'esta peça. A hydra não se deixa ver.

Constou que ella esta em Braga, na rua da Conega, a preparar os festejos do advento de Pio IX ao solio pontificio. Foi-se lá com a peça, armada como uma ratoeira, para apanhar a hydra.

—A Braga! a Braga! gritavam todos os periodicos liberaes, apopeleticos de furor bellicosos. E' em braga que está a hydra! Ainda hontem foi vista á hora de vespuras rabeando pela sacristia da Sé: dizem que é immensa; não come se não hostias e não bebe se não agua benta; mostraram-lhe uma fotografia do sr. Ennes e ella arreganhou raivosamente os dentes. Tornaram a vê-la esta manhã collocando-se pelo dormitorio do seminario episcopal: fumegava incenso pelas ventas; o seu aspecto era medonho; mostraram-lhe uma fotografia do sr. Polla e ella erriçou despeitadamente a cauda.

A companhia do Gymnasio foi pé ante pé, e chegou de repente com uma peça. Estava tudo a postos. Accendeu-se á pressa o lustre, abriram-se as portas, tocou uma campainha, e zís, traz, catatraz, foi representado o drama. Freneticos applausos, innumeraveis chamadas! nivos de alegria e entusiasmo! ovação geral!

Mas então a hydra?! Onde demonio se metten a hydra?! Convida-se a hydra a apparecer! Offerece-se-lhe um um camarote de primeira ordem, um chá, um meio bife, uma missa cantada, um jubileu, um sermão de Antonio Ayres. Dão-se alviçaras a quem achar a hydra, a quem a trouxer viva ou morta á presença dos adjectivos revolucionarios de Ennes e dos gestos subversivos de Polla! Signaes: ella é negra, monstruosa, ella é reaccionaria; ella dá pelo nome de Hydra.

Inuteis pesquisas! baldados esforços! a hydra não appareceu.

Mas esta circumstancia de modo algum deslustra a fama e gloria tanto do poeta Ennes como do actor Polla. Ambos elles foram immensos de heroismo n'essa lucta titanica!

A hydra não se encontrou: que importa? Polla calcou-a aos pés, em brados temerosos, exactamente como se a tivesse encontrado! O inimigo não appareceu: que importa? Ennes cruzou os braços no peito, modesto, simples, sublime, pallido de commoção e de entusiasmo, e encarou altivo o logar em que o inimigo estaria, se apparecesse. E Ennes tinha um sorriso frio, impavido, de um desdem infinito.

A penna do sr. Ennes, bem como a espada do sr. Fontes, figurarão pois na historia cobertas de *locaes* e de virente louro, junto da narração das maiores façanhas que n'este seculo se praticaram, ja na imprensa, já nos campos da batalha,

no meio dos mais sangrentos e horribeis combates... simulados!

Uma palavra—se nol-o permitem—acerca do entreccho do drama famoso a que nos referimos.

Um velho militar chegado do ultramar a Lisboa, onde deixou durante alguns annos duas filhas. Uma tem vinte e cinco e trinta annos, foi educada no seio da sociedade de Lisboa, onde vive e é viuva. A outra tem de quinze a dezoito annos, foi educada no collegio das Irmãs da Caridade, e é filha de Maria

Além d'estas ha tres personagens importantes: o padre Bergeret, perceptor da *filha de Maria*; Alberto, amante da viuva; e Carlos, representante da idéa liberal.

A *filha de Maria*, a despeito de todos os juizos adversos que d'ella se fazem no drama, é uma rapariga honesta, catholica, tendo uma comprehensão do dever, uma educação do character, um destino, uma linha de proceder grave e severamente marcada na vida. Como catholica é papista; como papista considera herejes perdidos para a salvação eterna aquelles que combatem os poderes supremos do representante de Christo na terra. Como o velho militar figurára em tempos entre os inimigos da Curia, a *filha de Maria*, aconselhada pelo padre Bergeret, induz seu pae moribundo a assignar a retractação dos seus passados erros, como fiel catholico apostolico Romano.

A viuva, que tem religião nem idéas nem principios moraes, auxilia a contricção do pae com o fim de angariar a estima de Bergeret e de levar a irmã a professar, deixando-lhe a ella e ao seu amante, a legitima pertencente á *filha de Maria*.

O representante das idéas liberaes combate a marcha d'estes acontecimentos com phrases declamatorias, que arrebatam os coroneis reformados, os antigos bravos do Mindello, os ex-voluntarios da rainha, e em geral todas as pessoas que embirram sistematicamente com esta canalha de padres.

O drama desfecha morrendo o militar, entrando a *filha de Maria* no instituto das Irmãs da Caridade, continuando a viuva a manter relações escandalosas com o amante, e rasgando Alberto na cara do padre Bergeret a retractação do velho, que o representante da liberdade rouba, com geral delirio de applausos, ao representante da religião.

[Continua]

## REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Usurbil 12 d'outubro.

Sr. director do «Cuartel Real».

Creio que os leitores do seu estimavel jornal verão com gosto uma ligeira resenha do bombardeamento de S. Sebastião pela terceira bateria montada, e que os dados que lhe vou dar, como testemunha presencial, servirão para desmentir as falsidades que acerca d'este acto publicam os jornaes inimigos.

Começou o canhoneio na noite de 28 de setembro passado, dos montes de Arratán e bateria de Venta-Ziquin, distante de S. Sebastião uns cinco mil metros, lançando n'essa noite umas 175 granadas que se viram e ouviram perfeitamente rebentar nas ruas e edificios da cidade. O inimigo fez fogo muito vivo de canhão sobre a nossa bateria, dos seus fortes de Lubariz e Ulaundi, em distancia d'uns trez mil metros, sem nos causar porém, a mais pequena contusão.

Na noite de 30, das sete ás onze, repetiu-se o canhoneio, fazendo 40 tiros, que foram respondidos pelos fortes mencionados, e tambem de Oriamendi, sendo muito curtos os tiros d'este, que não tornou a disparar. No dia seguinte, ou 1.º d'outubro, das duas ás cinco da tarde, se lançaram outras granadas. N'esta tarde fizeram-nos um fogo tão vivo, que em quatro horas contei 600 granadas atiradas á bateria, que soffreu alguns, ainda que pequenos, prejuizos, havendo dois artilheiros feridos, porém tão levemente, que continuaram e continuam servindo a peça.

—Andoain 12 d'outubro.

Sr. director do «Cuartel Real».

Tenho a satisfação de lhe dar a noticia, para se quizer dar-lhe publicidade,

do brilhante feito levado a cabo pelo infatigavel coronel o sr. Vicuña, chefe da linha de Lastaola, com o mais satisfatorio resultado.

A's sete da tarde de 10, um tenente e oito soldados do oitavo batalhão surprehenderam a casa de jogo da roleta, estabelecida entre Irun e a ponte de Behovia, e se bem não alcançaram prender os jogadores, que a tinham abandonado, apprehenderam contudo uma porção de objectos, entre elles o corpo do delicto, ou roleta, que foram postos á disposição da ex.<sup>ma</sup> deputação foral d'esta provincia. Conhecedores de tão grande atrevimento, houve muito alarme, alguns tiros, corridas, etc., na occasião em que os nossos puham a salvo, o fructo do seu audaz commettimento. E' certo que os liberaes d'esta linha não ganham para os sustos.

Devem ouvir-se as lamentações dos nossos inimigos, que, de seguro, não deixam de clamar contra as impertinencias dos nossos valentes, que se atrevem a incommodal-os até nos logares destinados aos seus innocentes divertimentos.

De v. affectuosissimo creado Q. B. S. M.—R.

—Hendaya 19 d'outubro de 1875—O bombardeamento de S. Sebastião continúa e a emigração de seus habitantes é cada vez maior.

Os carlistas surprehenderam o correio entre Renteria e Irun aprisionando 6 soldados.

—O material necessario para o estabelecimento da linha telegrafica que, passando por Sentesteban e Leiza, deve ligar esta villa com a rede geral, já chegou a Elizavilla.

Na provincia d'Alava, os estudos para as novas linhas, que se vão estabelecer estão terminadas.

As forças carlistas sustentam o bloqueio em volta de Pamplona, que numerosas familias abandonam todos os dias, receiando que recomece o bombardeamento d'esta praça.

Uma das partidas que percorrem os arredores da cidade, apoderou-se ultimamente de dous rebanhos que continham muitos centos de carneiros, que estavam em Richapea, arrabalde de Pamplona.

—Carta dirigida ao sr. Bispo d'Urgel pelos capellães do exercito:

«Ex.<sup>mo</sup> e ill.<sup>mo</sup> sr.

«Justamente orgulhosos com o ser vasallos de um prelado tão ardente catholico e tão leal hispanhol como o é v. ex.<sup>a</sup>, nós nos apressamos de vos offerecer um novo testemunho do nosso amor inabalavel para com Vossa Grandesa prisioneiro, e por intermedio de V. ex.<sup>a</sup> que é o nosso chefe immediato, á cadeia de S. Pedro, em que se senta hoje o immortal Pio IX. e tambem ao throno de S. Fernando, throno que é o legitimo patrimonio do rei Carlos VII.

«Excellentissimo e illustissimo senhor, na prisão aonde, pelas seitas maçonicas, vós foste encerrado de um modo injusto e sacrilego, sem respeito para com a vossa idade e para com o vosso character sagrado, nós vos consideramos como um martir, e esta aureola brilhante será como o premio de vossa grande fé e da vossa constancia invencivel na defesa de Deus e das cousas de Deus, contra os inimigos da verdadeira Igreja e da Hispanha, uma no catholicismo.

«Nós nos recommendamos ás vossas orações, e da mesma sorte que os primeiros fieis se recommendavam, ás dos santos confessores da fé, que gemiam sob o ignobil e brutal jugo dos tiranos.

«Pedi a Deus, Monsenhor, pedi a Deus que salve a Igreja Catholica e o Papa, a nação hispanhola e Carlos VII, os soldados do exercito catholico, e em fim a nós mesmos, Deus escutará as vossas santas orações, porque a supplica do martir sempre chega ao ceo.»

(Seguem-se as assignaturas dos capellães de todos os corpos e batalhões carlistas do Norte).

## GAZETILHA

**Festividade.**—Os devotos de S. Sebas de S. Victor, como já tivessem recolhido as esmolas para o cerco que era de costume fazer-se n'aquella freguezia, resolveram mandar cantar uma missa, que teve logar no passado domingo, e encarnar a Imagem do mesmo santo. Além d'isso mandaram fazer um resplendor de

prata e um cinto bordado a ouro, destinados á referida imagem.

As esmolas recolhidas foram no valor de 19\$230 réis.

**Expropriação.**—Estão quasi terminadas as expropriações das ruas Verde e Couto do Arvoredo.

**Os monarchas de Allemanha e Italia.**—A entrevista dos dois soberanos da Allemanha e Italia verifica-se, como os leitores sabem, em Monza, cidade pequena que está situada a treze kilometros de distancia de Millão e que conta apenas vinte e quatro mil habitantes.

Diz um diário parisiense que a cidade de Monza tem tres coisas notaveis: a cathedral, a celebre corôa de ferro, que alli existe, e o palacio *Villa Reale*.

A celebre corôa de ferro foi arrebatada pelos austriacos a 23 de abril, transportada para Mantua, depois para Vienna, sendo restituída em 1866. Esta corôa foi a que Napoleão I poz por suas proprias mãos na cabeça.

E' de ouro, ornada de vinte e duas pedras preciosas. Tem no interior um circulo de ferro, que se diz ser feito de um dos pregos da cruz do Golgotha.

O palacio onde os monarchas se hão de encontrar denomina-se *Villa Reale*. E' o Versailles da Lombardia. Foi construido por Piemariní em 1777, Eugenio de Beauharnais acrescentou-lhe um extenso parque fechado por um muro que mede treze kilometros de extensão!

**Viagens de recreio.**—No proximo mez de novembro estabelece a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes viagens de recreio de Lisboa e Porto para Madrid pelos seguintes preços: na 1.ª classe 21\$480, ida e volta; na 2.ª classe 18\$430 réis, na 3.ª classe 12\$320 réis.

**Julgamento importante.**—Terminou no jury da Villa de Chaves (Pará) o julgamento dos reos Severo Antonio de Faria, José Antonio de Magalhães, Manoel Ricardo de Faria, Bertholdo José Florindo, Antonio Valentim Barbosa Cardoso, accusados por assaltarem para roubar e assassinar os commerciantes portuguezes Zeferino Manoel Pereira de Araujo e José Antonio Pereira Rodrigues, estabelecidos em Jurupary, n'aquella provincia, em 6 de setembro do anno passado, e cujo assumpto serviu de discussão entre a «Tribuna», gazeta do Pará, e alguns jornaes de Portugal.

O jury condemnou á morte os dois primeiros reos, a 13 annos e quatro mezes de galés os segundos e absolueu os dois ultimos.

O juiz de direito de Marajó appellou da sentença que pôe em liberdade Americo Valentim Barbosa e Pedro Augusto Cardoso.

**Obrigações do caminho de ferro do Minho e Douro.**—Na folha official vem publicado aviso, declarando que os portadores de certificados liberados que quizeram receber em troca obrigações de assentamento, podem desde já apresentar-se na direcção geral da thesouraria para assignarem as declarações necessarias.

**Geografia geral actualizada.**—O sr. Ernesto Chardron editou um compendio de Geografia geral posta em harmonia com o ultimo programma official para o ensino nos lyceus nacionaes, coordenado pelo sr. Raposo Botelho, official do exercito, e auctor de varios livros elementares, como *Elementos de desenho linear geometrico, Arithmetica pratica, Theoremas para o 3.º anno do curso de mathematica, 100 problemas para exame de instrucção primaria*, etc.

O sr. Raposo Botelho, assaz conhecido pela sua intelligencia cultivadissima, conseguiu que o seu *Compendio de Geografia geral* satisfizesse ás materias indicadas no programma, evitando tudo que podesse fatigar a memoria do alumno que precisa d'este estudo. Na descripção fisica aproveitou as recentes descobertas, que se tem feito, como na descripção politica as continuas alterações porque estão passando as nações.

As fontes onde o sr. Raposo Botelho bebeu os conhecimentos que expõe e desenvolve no seu *Compendio* não podiam ser melhores.

Serviu-lhe de origem Flaichambeau, Gauthier, Cortambert e Lejosne.

O *Compendio* está dividido em nove capitulos, a saber:

I Noções preliminares, comprehendendo o estudo do uso do globo e das cartas, e as definições.

II Europa, descripção geral, e depois a especial de cada povo.

III Asia.

IV Africa.

V America.

VI Oceania.

VII Historia da geografia, comprehendendo os descobrimentos dos portuguezes.

VIII Ethnografia.

IX Chronologia.

Sabemos que alguns collegios o tem adoptado para seu uso, e que alguns professores da respectiva disciplina e tem recommendado aos seus ouvintes.

Effectivamente, é elle preferivel a outros em voga no ensino, não só pela clareza, brevidade e harmonia com o programma, como pelo preço que é de 600 réis.

### SUBSCRIÇÃO

*Acha-se aberta uma subscrição para socorrer uma familia honesta, composta de duas senhoras, que, tendo vivido na abastança, se acham agora, pela contingencia da sorte, reduzidas a extrema miseria.*

*Implora-se a caridade publica para adotar a penosa situação d'aquellas infelizes.*

*Os donativos podem ser entregues no escriptorio da administração d'este jornal, rua Nova, n.º 3.*

Transporte 500  
Um bemfeitor 500

**SAÚDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

**DU BARRY** de Londres.

27 annos d'invariavel successo

5 Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescience* du Barry que torna a dar a saúde, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões, (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, dizenteria, colicas, tosses asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da heziga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow da exc.ª sr.ª marquez de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Jejada da Universidade de Cordova etc. etc.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/2 kilo, 500; de 1/3 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 réis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 réis; de 6 kilos, 6\$400 réis, e de 12 kilos, 12\$000 réis.

Os biscoitos da *Revalescience* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 réis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescience chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 réis; de 24 chavenas, 820 réis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 réis, ou 25 réis cada chavena.

**BARRY DU BARRY & C.ª**—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barcal & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desféré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martius, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povo do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Afonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

### AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, summamente pehorados para com todos os ex.ªs srs. e sr.ªs que pela morte de seu presado esposo, pae e sogro, fizeram favor de os cumprimentar, a todos protestam eterna gratidão e estima, pedindo desculpa de o não fazer pessoalmente.

Braga 26 d'outubro de 1875.

Custodia Maria da Silva  
Therese Maria Gomes d'Azevedo  
Antonio José d'Azevedo. (2769)

O padre Antonio Luiz Alves Caldas, residente em Braga, summamente pehorado para com todos os ill.ªs e revd.ªs srs. párochos, presbyteros e clerigos, que no dia 15 d'outubro do corrente anno de 1875, assistiram ao officio de corpo presente de seu muito presado irmão Francisco Manoel Alves Caldas, de S. Pedro de Riba de Mouro, e para os que se encarregaram de dizer missa por sua alma, e bem assim para com os ill.ªs srs. do corpo da musica, tudo gratuitamente, e da mesma forma para com todos os ill.ªs e ex.ªs srs. que honraram com a sua assistencia aquelle acto funebre, e a acompanharam seu corpo até á sepultura, tributa os mais sinceros protestos de eterno reconhecimento e gratidão. (2768)

### ANNUNCIOS

#### BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Previnem-se os poucos srs. accionistas d'este Banco, possuidores d'acções com o desembolso apenas da ratificação de que lhe serão cassadas, não tendo entrado com a importancia da primeira prestação e juros respectivos até ao dia 15 de novembro proximo, em conformidade com as disposições do artigo 17 e seus §§ dos Estatutos, pela execução do qual a Direcção é a unica e immediatamente responsavel para o Banco, como mandaria d'este; e que portanto fará cumprir na sua integra.

Pode-se effectuar o referido pagamento nos seguintes locais.

Em Braga, no edificio do Banco, rua Nova de Sousa n.º 19. No Porto, na Agencia, praça de D. Pedro n.º 22.

Braga e Banco Mercantil 26 d'outubro 1875.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

José Joaquim Lopes Cardoso  
João da Costa Palmeira  
(2766) José Antonio Rebello da Silva.

### GATACUMBAS

Tendo a Mesa da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, deliberado principiar a demolição das catacumbas existentes no cemiterio dos Despresos no dia 29 do proximo mez de novembro, convida por isso de novamente os parentes ou amigos dos finados, que foram temporariamente depositados nas mesmas, para virem, querendo, até esse dia tomar conta das respectivas ossadas.

Braga 25 d'outubro de 1875.

O provedor

(2767) Manoel Justino Marques Murta.



João Baptista Fernandes, faz publico, que os carros, que d'esta cidade saem para a Portella do Vade ás 3 horas da tarde, e da Portella ás 5 da manhã, principiam a sair desde o dia 31 do corrente d'esta cidade ás 2 horas da tarde e chega á Portella ás 5, e da Portella ás 6 da manhã, chega a Braga ás 9.

Braga 26 de outubro de 1875. (2765)



### NOVO HORARIO

Joaquim Alves Vinagreiro, participa ao respeitavel publico que a sua carreira que traz de Braga para a Povoia de Lanhoso a sair ás 6 horas da manhã e 2 da tarde e da Povoia para Braga ás 6 da manhã e 3 da tarde, fica saindo desde o dia 1.º de novembro em diante, de Braga para a Povoia ás 7 horas da manhã e 2 da tarde, chega á Povoia ás 9 da manhã e 4 da tarde e da Povoia para Braga ás 7 da manhã e 3 da tarde, e chega a Braga ás 9 horas da manhã e 5 da tarde.

Braga 27 de outubro de 1875.

(2770) Joaquim Alves Vinagreiro.

### NOVO ESTABELECIMENTO

Joaquim Leal, participa ao respeitavel publico e particularmente aos seus amigos que acaba d'abrir o seu estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, na rua do Souto, n.º 39.

Abster-se-ha de vender nos domingos e dias santificados. (2754)

### CONCURSO

A meza da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz publico, que se acha a concurso um logar de capellão do côro da mesma Santa Casa. Os revd.ªs ecclesiasticos que queiram e se julguem habilitados, poderão lançar seus requerimentos na respectiva caixa e apresentar-se no dia 3 do proximo mez de Novembro, pelas 4 horas da tarde, na ante-sala das sessões da meza para serem devidamente examinados como determina o § 5.º do cap. 18.º do Compromisso.

Braga 25 d'Outubro de 1875.

O provedor,

Manoel Justino Marques Murta. (2764)

ANTONIO ALVES DOS SANTOS COSTA

DA RUA DA SÉ

TEM PARA VENDER

EUCALYPTUS GLOBULUS

(2760)

### A QUEM CONVENHA

Vende-se os bens de Louredo, e contrata-se com o padre Estevão Gomes Cardoso da freguezia d'Avella.

Vende-se duas moradas de casas na rua de S. Bernabé, com os numeros 9 e 10, e 10 A, de dous andares, com seus quintaes e poço. Quem as pertender falle com seu dono, que as vende juntas ou separadas. (2763)

### CASAL

Vende-se na Povoia de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'Alema com todas as suas pertenças, livre de fóro ou penção. Dirigir-se ao proprietario ali, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (2759)

